



## **REGIÃO E REGIONALIZAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE PARA O ENSINO FUNDAMENTAL.**

**Laís Manesco Grigolon**

laismanesco@gmail.com<sup>1</sup>

**Henrique Santos Domingos**

henriquesdomingos@hotmail.com<sup>2</sup>

**Bruna Rossin**

brurossin@yahoo.com.br<sup>3</sup>

**Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho**

maria.carvalho@unesp.br<sup>4</sup>

### **Resumo**

*De acordo com a abordagem Histórico-Cultural e as concepções de ensino de Geografia tendo como objetivo o desenvolvimento do Raciocínio Geográfico, o trabalho do professor é o de mediar o processo de aprendizagem de conceitos científicos por parte dos alunos. Assim, dois bolsistas do Programa Residência Pedagógica planejaram e regeram aulas sobre Região e Regionalização para uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental em uma Escola Municipal de Rio Claro/SP. A intenção era a de possibilitar aos alunos a aprendizagem de diferentes noções de Região e seus critérios para regionalização, além de averiguar e aprimorar os conhecimentos e habilidades cartográficas dos estudantes por meio de atividades como a elaboração de um croqui da sala de aula e de sua regionalização com base nas cores das carteiras, a regionalização da escola utilizando a ferramenta Google My Maps, além da exposição e discussão sobre mapas e imagens de satélite de diferentes locais e escalas. Durante as regências, parte do planejamento precisou ser alterada em função de imprevistos, entretanto, a fundamentação teórico-metodológica e a existência do plano, com as principais orientações e conteúdos, possibilitou a concretização dos objetivos, dentre eles de abordar diferentes temas da Geografia procurando evitar um ensino segmentado, descritivo e memorizador desse componente curricular.*

---

<sup>1</sup> Graduanda em Geografia pela Unesp, câmpus de Rio Claro – SP e bolsista do Programa Residência Pedagógica – CAPES.

<sup>2</sup> Graduando em Geografia pela Unesp, câmpus de Rio Claro – SP e bolsista do Programa Residência Pedagógica – CAPES.

<sup>3</sup> Doutora em Geografia pela Unesp, câmpus de Rio Claro e Professora Supervisora do Programa Residência Pedagógica – CAPES.

<sup>4</sup> Professora do Departamento de Educação, Unesp, Campus de Rio Claro – SP e Coordenadora de Núcleo do Programa Residência Pedagógica – CAPES.



**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Região e Regionalização, Cartografia.

## Introdução

A atividade de Região e Regionalização deste trabalho foi desenvolvida por dois alunos da graduação em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), e que são bolsistas do Programa Institucional de Residência Pedagógica. O programa consiste na imersão, acompanhamento e participação dos licenciandos no contexto escolar, para além do Estágio Supervisionado, e que no núcleo da Geografia UNESP campús Rio Claro possui 24 bolsistas, além de voluntários, distribuídos em duas Escolas Estaduais e uma Escola Municipal de Rio Claro/SP, sendo a coordenadora do núcleo a professora Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho. Os bolsistas que desenvolveram a aula atuam na escola municipal, sob orientação da professora Bruna Rossin.

A escola funciona em período integral sendo a parte da manhã destinada ao núcleo comum de ensino e a tarde a um currículo diversificado a partir de projetos voltados para as questões agrícolas (Dinâmica da Paisagem Rural, Sustentabilidade, Etnoecologia, entre outros). Os bolsistas acompanham as aulas de Geografia e também desenvolvem suas próprias aulas e projetos. Vale ressaltar que a escola conta com uma direção escolar atenta para as necessidades estruturais da escola e de apoio às atividades pedagógicas, contando, para isto com cinco notebooks para uso dos alunos, copiadora, entre outros equipamentos. Este fator favoreceu a efetivação da atividade proposta.

Cavalcanti (2006), ao discutir sobre o ensino de Geografia, propõe uma concepção em que os estudantes, a partir dos conhecimentos espaciais adquiridos pela sua vivência, desenvolvam, com a mediação de professores nas escolas, conhecimentos mais elaborados, constituindo assim o chamado raciocínio Geográfico, e não apenas a descrição e memorização do que há nos lugares. E [...] para que o aluno aprenda Geografia, não apenas para assimilar e compreender as informações geográficas disponíveis (que são importantes em si mesmas) mas para formar um pensamento espacial, é necessário que forme conceitos geográficos abrangentes. (CAVALCANTI, 2006, p.34).

Ainda segundo a autora dentre os conceitos mais importantes do raciocínio Geográfico, estão os de: natureza, lugar, paisagem, região, território, ambiente, que também se

configurariam como categorias de análise, por serem estruturadores do Espaço Geográfico, além de outros conceitos como os de cidade, campo, identidade cultural, degradação ambiental, segregação espacial, entre outros.

A noção de que o ensino de Geografia tem como objetivo o desenvolvimento do raciocínio Geográfico a partir da formação de conceitos, condiz com a abordagem Histórico-Cultural, que possui como bases teóricas as obras de autores como Vygostky, Leontiev e Luria. Segundo essa abordagem, o conhecimento de uma pessoa “[...] não é inato (não nasce com ela), mas se aprende; sendo a aprendizagem uma atividade social e não só de realização individual” (GONÇALVES, 2015, p.3). Assim, o objetivo do processo educativo seria o de desenvolver nos alunos, com a mediação do professor, as funções psíquicas superiores, tendo como exemplo, o aprendizado de conceitos científicos mais elaborados do que os conceitos cotidianos, e que requerem capacidades com a de abstração e generalização, o que deve ser realizado através de atividades de aprendizagem pensadas pelo professor.

Partindo desses pressupostos e do conhecimento de que, segundo o Plano de Ensino da professora Bruna Rossin, os próximos conteúdos a serem trabalhados com os alunos do 7º ano B, uma das turmas acompanhadas semanalmente pelos bolsistas, seriam os de “Conceito de região e diferentes formas de regionalizar” e “As grandes regiões geográficas brasileiras”, os bolsistas analisaram o livro didático utilizado na escola Geografia Espaço e Vivência: a organização do espaço brasileiro, do 7º ano, no qual o capítulo “O Território Brasileiro e Suas Regiões” destaca as Regiões Naturais (Domínios morfoclimáticos); As Grandes Regiões do Brasil (IBGE e Geoeconômica) e as Regiões Literárias (BOLIGIAN; et al., 2015, p. 29-39), e pensaram no planejamento de uma regência em que os conceitos de Região e Regionalização pudessem ser trabalhados, por exemplo, a partir da escola e da sala de aula. Além da aprendizagem dos conceitos, “[...] é também necessário saber quais as habilidades básicas para a análise geográfica. A respeito desse aspecto, deve-se considerar que existe uma linguagem específica, que consideramos demandar uma alfabetização cartográfica” (CALLAI, 2005, p.241).

Sendo assim, a atividade também envolveu o trabalho com a Cartografia, por ser necessária para a melhor compreensão do Espaço, das Regiões e dos exemplos que os bolsistas



utilizariam, e para averiguar e aprimorar os conhecimentos e habilidades dos estudantes em relação à Cartografia.

### **Base teórico-metodológica e Procedimentos de Ensino:**

Segundo a abordagem histórico-cultural, no processo de aprendizagem do aluno o professor exerce o papel de mediador, ao possibilitar a construção do conhecimento e o desenvolvimento de capacidades e habilidades cognitivas. “Para promover este movimento há um processo chamado de Atividade, que se destaca na Teoria Histórico-Cultural na mediação do professor por meio de Atividades de Ensino e de Aprendizagem.” (GONÇALVES, 2015 p.5). Assim, no planejamento e regência da aula utilizou-se a Teoria da Atividade, cujo autor principal é Alexis Leontiev.

Em artigo sobre as contribuições Teoria da Atividade sobre a atividade pedagógica docente, Asbahr (2005) comenta que “A consciência não se reduz a um mundo interno, isolado; ao contrário, se está intimamente vinculada à atividade, só pode ser expressão das relações do indivíduo com os outros homens e com o mundo circundante, sendo social por natureza [...]” (ASBAHAR, 2005, p.111). Ou seja, a consciência do indivíduo é resultado de sua atividade no Mundo, sendo que toda atividade é estruturada por uma necessidade, objeto, motivo, e por um conjunto de ações, sendo que as ações possuem objetivos parciais, subordinados ao objetivo geral da atividade que lhes deu origem.

Tendo em vista que na educação formal o papel do professor é o de criar condições para que os alunos se engajem em atividades de aprendizagem, sendo ele, portanto “[...] o mediador entre o conhecimento e o aluno, entre os produtos culturais humanogênicos e seres humanos em desenvolvimento” (ASBAHAR, 2005, p.113), os bolsistas planejaram duas aulas com o objetivo de criar as possibilidades para que os alunos compreendessem o conceito de Região e suas diferentes formas de operacionalização, e também para que o aprendizado dos conteúdos a serem trabalhados no restante do ano, se tornasse mais significativo. Pela natureza diferenciada das atividades houve o cuidado de deixar claro aos alunos quais eram os objetivos de cada uma delas, e qual era o objetivo em comum. Isto foi considerado importante visto que, muitas vezes, o que ocorre nas escolas é que os alunos não compreendem as propostas de atividades, pois elas

[...] se dão de forma isolada, repletas de ações isoladas (como a de ler um texto, copiar um texto, responder perguntas, dar definições, aderir a projetos, treinar para provas institucionais), ações que não movem os alunos, não os movimentam, trata-se de um fazer instantâneo, cujo único motivo encontrado pelo aluno é a nota ou nem isso. [...] Sem a interação entre os objetivos do professor e a motivo de aprender do aluno, o aluno não consegue perceber claramente o que deve aprender, comprometendo, assim, sua autonomia para o estudo independente e para o seu desenvolvimento [...] (GONÇALVES, 2015, p.5)

As atividades planejadas seguiram a seguinte ordem: discussão sobre o conceito de Região; leitura do livro didático e explicação sobre o conceito; elaboração de um croqui da sala de aula e sua regionalização com base nas cores das carteiras; regionalização do espaço da escola utilizando o *Google My Maps* (ferramenta *on line* de Cartografia colaborativa); e exposição e discussão sobre outros critérios de regionalização em diferentes locais e escalas, utilizando o projetor.

A intenção de realizar atividades que partem da sala de aula e da escola se deve à noção de que é necessário estimular nos alunos a observação dos diferentes espaços, começando, por exemplo, pelo seu bairro, sua escola, sua cidade, e que também é possível observar aspectos desses espaços em croquis, mapas, fotos e imagens de satélite. Assim,

[...] ao fazer um desenho de um lugar que lhe seja conhecido ou mesmo muito familiar, ela estará fazendo escolhas e tornando mais rigorosa a sua observação. Poderá, desse modo, dar-se conta de aspectos que não eram percebidos, poderá levantar novas hipóteses para explicar o que existe, poderá fazer críticas e até encontrar soluções para as quais lhe parecia impossível contribuir (CALLAI, 2005, p.244).

Ainda segundo Callai (2005, p. 244), o desenvolvimento da capacidade de representação do espaço vivido assentado na realidade concreta da criança, pode contribuir em muito para que ela seja alfabetizada para saber ler o mundo.

Para dar início às atividades, no primeiro momento da aula, foi feito o questionamento aos alunos sobre o que viria a ser Região, para que os bolsistas pudessem levantar os conhecimentos prévios dos estudantes e identificar as bases a partir das quais iriam desenvolver a aula, realizando o processo de mediação entre os conhecimentos espontâneos dos alunos e os conhecimentos elaborados, científicos, no caso, relacionados à Região e à Geografia de forma geral.



Como nas aulas anteriores os alunos haviam estudado a Formação Territorial do Brasil, sendo que os professores bolsistas haviam inclusive conversado com eles sobre o conceito de Território, as respostas deles sobre o que viria a ser Região foi parecida com as definições e os exemplos dados na conversa sobre aquele conceito. Após esse momento, pediram aos alunos que abrissem o livro didático na página que contém a explicação sobre Região, e que lessem o trecho de forma silenciosa e individual.

A questão da leitura é importante para os bolsistas, que desde que passaram a acompanhar as turmas na escola, notaram que muitos alunos, nos diferentes anos, possuem dificuldades com leitura, interpretação e escrita, prejudicando o aprendizado de Geografia e das demais áreas do conhecimento. Tendo isso em vista, optaram por estimular a leitura do Livro Didático, considerando também que “A formação intelectual inerente ao ambiente escolar mantém essa centralidade com o ler e o escrever. A permanência dessa forma de linguagem é essencial para apropriação recriada do conhecimento pelos alunos e professores.” (AZAMBUJA, 2012, p.66). O trecho lido pelos alunos está presente no capítulo 3 “O território brasileiro e suas regiões”:

No território brasileiro, como em qualquer lugar da superfície terrestre, existem áreas que podem apresentar características naturais, sociais ou históricas semelhantes, mas que se distinguem das características encontradas em outros lugares. Para estudar melhor essas áreas, podemos agrupá-las em regiões geográficas (BOLIGIAN et al., 2015, p. 29).

Os bolsistas, após perguntarem o que os alunos haviam entendido, e identificando dificuldades de interpretação, decidiram explicar o conceito de Região e, principalmente, de como operacionalizá-lo. Para isso, utilizaram os estudos realizados com base em textos de Roberto Lobato Corrêa (1986) e Milton Santos (1996). Para o primeiro autor, tanto para o senso comum como para a Geografia, o conceito de Região está relacionado ao fato de que a superfície da Terra é constituída por áreas que se diferenciam entre si em função de suas características, ou seja, explicação condizente com o trecho presente no Livro Didático. Ainda segundo Corrêa,

A utilização do termo entre os geógrafos, no entanto, não se faz de modo harmônico: ele é muito complexo. Queremos dizer que há diferentes conceituações de região. Cada uma delas tem um significado próprio e se insere dentro de uma das correntes do pensamento geográfico (CORRÊA, 1986, p. 11).

Sendo assim, exploramos com os alunos as diferentes noções de Região. A primeira seria a de Região Natural, caracterizada pela “uniformidade resultante da combinação ou

integração em área dos elementos da natureza: o clima, a vegetação, o relevo, a geologia e outros adicionais que diferenciariam ainda mais cada uma destas partes.” (CORRÊA, 1986, p. 11). Para melhor explicar essa noção de Região, foi utilizado o mapa de Domínios Morfoclimáticos presente no Livro Didático, e os alunos relataram que já o haviam visto no Projeto de Sustentabilidade.

A segunda noção foi a de Região Geográfica, que Corrêa relata ter surgido na corrente Lablachiana, e que abrange uma paisagem e sua extensão territorial, onde se entrelaçam componentes humanos e naturais. Os bolsistas utilizaram como exemplo a região Sudeste, caracterizada pela predominância do domínio de mares de morros e de características como a maior presença de indústrias do que em outras regiões do país, sendo que tal fato é resultado da interação entre a sociedade e as características naturais.

Aproveitando que os alunos haviam estudado a Formação Territorial do Brasil, e inclusive realizado uma atividade em que pintaram um mapa que representava a localização e distribuição dos sucessivos ciclos econômicos, também foi explicado que as Regiões podem ser resultantes da ação humana ao longo do tempo, uma vez que

No decorrer da história das civilizações, as regiões foram configurando-se por meio de processos orgânicos, expressos através da territorialidade absoluta de um grupo, onde prevaleciam suas características de identidade, exclusividade e limites, devidas à única presença desse grupo, sem outra mediação. A diferença entre áreas se devia a essa relação direta com o entorno.[...]” (SANTOS, 1999, p.165)

Para os alunos compreenderem melhor o conceito de Região e suas formas de operacionalização, foi explicado a eles que fariam uma atividade de representação cartográfica da sala de sala e, na sequência, sua regionalização. Assim, os bolsistas perguntaram sobre qual a melhor forma de representar a sala de aula, ao que os alunos responderam ser a planta baixa. Por conta do pouco tempo, foi dada preferência a elaboração de um croqui na lousa, mas sem deixar de questionar as diferenças entre uma mapa, uma planta baixa e um croqui.

Durante a elaboração do croqui, os alunos apontavam a existência de elementos presentes na sala, sua localização, e onde deveriam estar representados no croqui. Tanto a pergunta sobre o que são os mapas, as plantas baixas e os elementos que eles devem possuir,



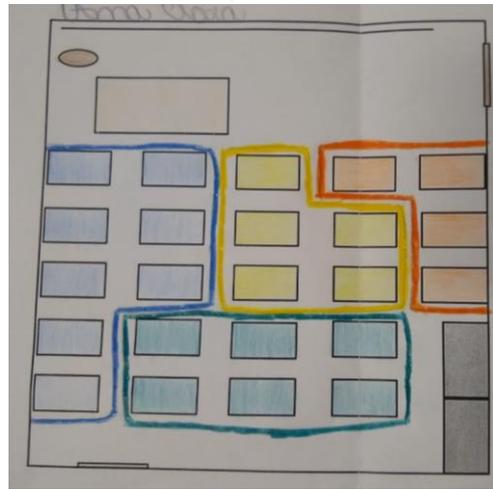
quanto sobre o que deveria ser representado no croqui da sala, tiveram o objetivo de averiguar se os alunos compreendiam que

O mapa não é a realidade, mas sim, a representação de informações ou dos objetos e ou ações que integram o espaço geográfico. Daí a necessidade de abstração, de pensar o espaço a ser representado cartograficamente. A alfabetização cartográfica compreende a apropriação dessa capacidade a partir do desenvolvimento das noções de: visão vertical, imagem tridimensional e bidimensional, proporção e escala, orientação espacial e domínio do alfabeto cartográfico ou da capacidade de leitura dos mapas. (AZAMBUJA, 2012, p.63)

Após a atividade, os bolsistas constataram que os alunos possuíam as noções e habilidades cartográficas necessárias para a boa compreensão das Regiões, e distribuíram para os alunos cópias impressas do croqui da sala, parecido com o que foi desenhado na lousa, e que haviam sido elaboradas na fase de planejamento da aula.

Como as carteiras das salas de aula da escola são coloridas, antes da aula os bolsistas as organizaram de maneira que estivessem agrupadas por cores. Perguntou-se aos alunos o que poderia ser regionalizado com base nas leituras e explicações anteriores. Foram citadas a distribuição dos alunos por quantidade e gênero; a aglomeração de mapas no fundo da sala; um conjunto de armários em um dos cantos; e, finalmente, a regionalização com base nas cores das carteiras. Os bolsistas explicaram que todos os apontamentos dos alunos estavam certos, mas que a atividade consistiria em pintar, no croqui, as carteiras de acordo com a cor delas na realidade, e de traçar limites entre cada conjunto de carteiras, ou seja, regionalizando-as.

**Figura 1 A e B** - Pintura e regionalização feita no croqui da sala de aula.



Fonte: os autores, 2019.

Segundo o planejamento da aula, terminada a atividade com o croqui da sala, o próximo passo seria a regionalização do espaço da escola através da ferramenta Google My Maps. A intenção dos bolsistas foi a de utilizar diferentes materiais e linguagens para o ensino de Região e para o fortalecimento da alfabetização cartográfica.

Entretanto, ao longo da primeira aula surgiram muitas perguntas por parte dos alunos, e eles demoraram mais do que o esperado para pintar e regionalizar o croqui da sala. Isso fez com que os bolsistas tivessem que replanejar a segunda aula, que ocorreu somente na semana seguinte, uma vez que a turma em que foi realizada a aula possui aulas de geografia distribuídas ao longo da semana.

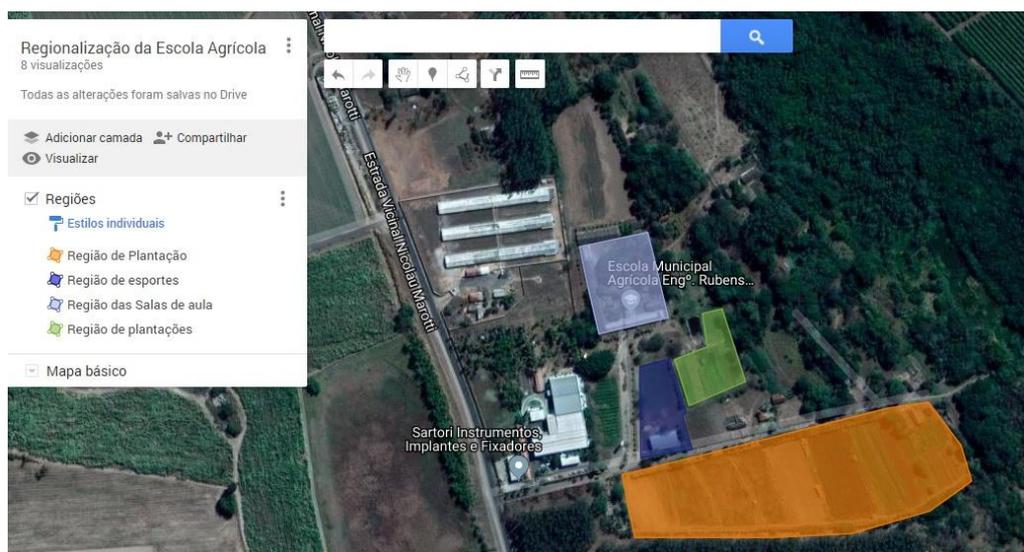
Na semana seguinte, os bolsistas optaram por alterar a ordem das atividades, e a aula ocorreu na sala de informática com a utilização de projetor, sendo retomado o conceito de Região e realizada a exposição de uma apresentação de slides composta por mapas, imagens de satélites e outras imagens, por exemplo, das regionalizações dos sucessivos ciclos econômicos da formação territorial do Brasil; da ocorrência de furtos de veículos em Rio Claro; a quantidade de casas com piscinas em diferentes bairros de Rio Claro; diferenciação de acesso à internet no Mundo; Divisão regional do Brasil feita pelo IBGE, comparando-a com o mapa político do Brasil; e a regionalização de um processo de expansão da mancha urbana de Rio Claro com características específicas, realizada em um trabalho da disciplina de Geografia Regional da graduação. Assim, foram trabalhadas diversas regionalizações em diferentes lugares e escalas,

possibilitando que os alunos refletissem sobre, [...] além do seu espaço vivido – o lugar em que está – outros lugares, que podem ser distantes de sua vida diária, mas que estão interferindo na dinâmica geral das sociedades e, ao mesmo tempo, na sua vida ou de seu grupo em particular (CALLAI, 2005, p.246).

Após essa exposição, foi pedido para que os alunos se separassem em grupos e utilizassem os notebooks, que já estavam na sala de informática, para dar início a atividade de regionalização da escola, sendo que o Google My Maps havia sido aberto antes, para evitar problemas. Outro cuidado dos bolsistas foi o de terem feito sua própria regionalização da escola antes da aula, uma vez que o exemplo poderia ser utilizado para tirar dúvidas e/ou comparar com as regionalizações feitas pelos alunos.

Entretanto, no momento da aula, a rede de internet estava recebendo manutenção. Em função desse imprevisto e do pouco tempo de aula que restava, os bolsistas decidiram fazer a regionalização no programa Paint, utilizando um print screen da imagem de satélite da escola retirada do Google Earth, e que foi exibido no projetor. Os bolsistas perguntaram aos alunos o que, na escola, poderia ser regionalizado, e eles apontavam e descreviam o porquê. Nessa atividade, foram delimitadas, por exemplo, a região das quadras de esporte, região das plantações e região das salas de aula.

**Figura 2** – Exemplo de regionalização feita no *Google My Maps*.



Fonte: os autores, 2019.

Portanto, todas etapas da aula tiveram como objetivo fazer com que os alunos compreendessem a Região “como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares.” (CORRÊA, p.17), e que é possível [...] reconhecê-la, descrevê-la e explicá-la, isto é, tornar claros os seus limites, seus elementos constituintes combinados entre si e os processos de sua formação e evolução (CORRÊA, 1986, p.15).

Somente duas aulas não são suficientes para a construção desse conceito, assim como de qualquer outro, e isso ficou evidente quando, perguntados sobre o que seria possível regionalizar na cidade de Rio Claro, um aluno respondeu que seria o shopping, ou seja, havia ainda uma confusão entre Região e Localização. Sendo assim, ao longo de todo o 7º ano e dos demais, ele deverá ser resgatado.

### **Considerações finais**

O principal objetivo da aula foi o de tentar propiciar aos estudantes uma melhor compreensão do conceito de Região, indo além da mera definição, característica de um ensino de Geografia considerado ineficaz. Para isso, foram propostas atividades a fim de que os alunos compreendessem a operacionalidade do conceito de Região em diferentes locais e escalas, aprimorando a alfabetização cartográfica por meio da utilização de diferentes materiais e linguagens, como o Livro didático, croqui, mapas, imagens de satélites e outras imagens.

Para a elaboração da aula, foram utilizadas a abordagem histórico-cultural, a Teoria da Atividade, a noção de Raciocínio Geográfico e a de Alfabetização Cartográfica. Isso se deve ao fato de que “A clareza teórico-metodológica é fundamental para que o professor possa contextualizar os seus saberes, os dos seus alunos, e os de todo o mundo à sua volta” (CALLAI, 2005, p.231).

O planejamento da aula é necessário, porém, deve-se ter a noção de que a situação concreta diverge do plano idealizado. No caso da proposta deste trabalho, a aula não ocorreu exatamente conforme o esperado, devido a algumas limitações, como a internet, que estava em manutenção; os alunos, pois alguns tiveram que sair da sala de aula; e o tempo, devido as outras aulas do 7º ano B serem concomitantes às aulas da graduação e a quantidade de aulas não ter



sido suficiente para o número de atividades propostas. Entretanto, a fundamentação teórico-metodológica e a existência do plano, com as principais orientações e conteúdos, possibilitou a concretização dos objetivos.

A proposta trabalhou o conteúdo Região e Regionalização integrando outros temas da Geografia, uma vez que os exemplos utilizados nas aulas abordavam a Geomorfologia, Urbanização, Segregação sócio-espacial, Formação Territorial do Brasil e a Cartografia, que além de ilustrar as delimitações regionais foi utilizada como uma linguagem para a interpretação ampla do Mundo. Dessa forma, foram retomados conteúdos de aulas anteriores e evitou-se o ensino de Geografia segmentado, descritivo e memorizador.

Por fim, a atividade foi brevemente apresentada à comunidade rioclarense no I Festival de Arte, Cultura e Ciência realizado pela Unesp em parceria com a Prefeitura de Rio Claro, no Centro Cultural “Roberto Palmari”, onde professores e graduandos de Geografia demonstraram interesse em entender como se deu a elaboração do plano e a concretização da aula, o que motivou a escrita deste trabalho.

### Referências bibliográficas

- ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 108-118, Aug. 2005.
- AZAMBUJA, Leonardo. Representações (carto)gráficas. Representações (carto)gráficas, linguagens e novas tecnologias no ensino de geografia. **Paulo Freire. Revista de Pedagogia Crítica**, [S.l.], n. 12, p. 61-72, jul. 2012.
- BOLIGIAN, Levon et al. **Geografia espaço e vivência: a organização do espaço brasileiro**, 7 ano. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, Aug. 2005.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Bases teórico-metodológicas da Geografia. Uma referência para a formação e a prática de ensino. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: Vieira, 2006. p. 27-50.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. Editore Ática, 1986.
- GONÇALVES, Amanda R. A Teoria Histórico-Cultural e o Ensino de Geografia. In: **Anais XV Encontro de Geógrafos da América Latina**. Cuba: Universidade de Havana, 2015.
- SANTOS, M. A.. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção (1996). 3. ed. SÃO PAULO: HUCITEC, 1999.